

THORZINHO

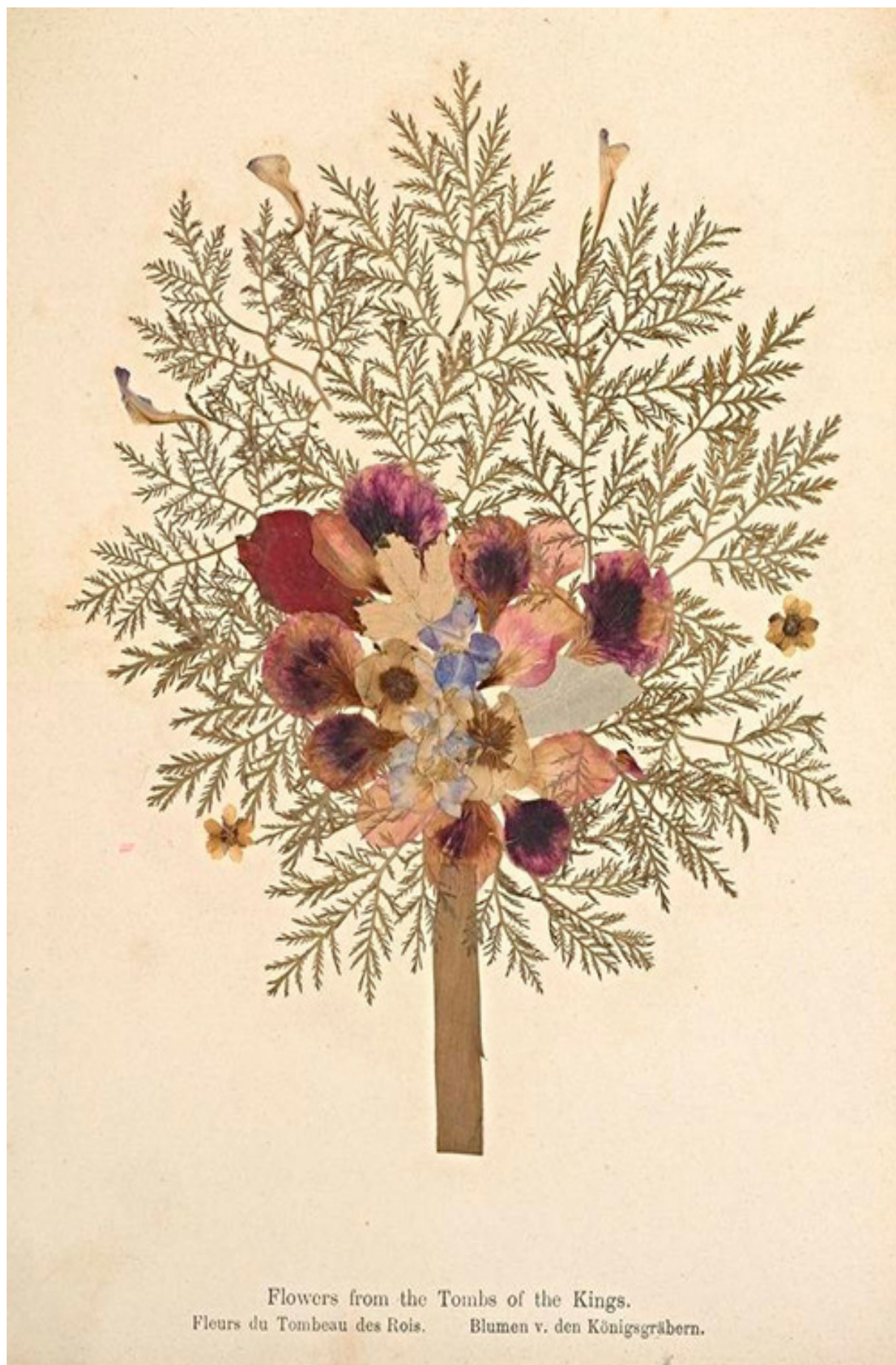
Revista Literária

ISSN 3086-3961

Volume I – Núm. 07 – 02 de agosto de 2026



Poemas - Página 31



Flowers from the Tombs of the Kings.
Fleurs du Tombeau des Rois. Blumen v. den Königsgräbern.

Palavras aos leitores e às leitoras

Todos os dias, a natureza nos ensina que viver é compartilhar. As árvores oferecem sombra, os rios oferecem água, os pássaros oferecem seus cantos ao amanhecer. Nós, seres humanos, também podemos oferecer o que há de mais precioso: cuidado, respeito e amor.

É com enorme alegria que agradecemos aos nossos colaboradores, que continuam acreditando na missão da **Revista Thorzinho**. Cada texto enviado, cada história e cada gesto de confiança fortalecem este sonho coletivo de construir um mundo mais sensível às causas dos animais e do meio ambiente. Vocês fazem parte desta família e ajudam a transformar nossas páginas em um espaço de educação, esperança e afeto.

Nossa gratidão também se dirige aos nossos queridos leitores. O carinho com que acompanham cada edição nos inspira a seguir em frente. Saber que nossas páginas chegam a tantas casas e despertam o amor pelos animais e pela natureza é a maior recompensa que poderíamos receber.

A **Revista Thorzinho** permanecerá sempre firme em sua missão de defender os animais, preservar o meio ambiente e incentivar atitudes de respeito por todas as formas de vida. Acreditamos que cada pequeno gesto de compaixão pode transformar o mundo e que toda criança que aprende a cuidar de um animal cresce também aprendendo a cuidar das pessoas e do planeta.

Hoje, nosso coração está especialmente feliz. Um cachorrinho abandonado apareceu em nossa rua procurando abrigo. Em vez da indiferença, encontrou portas abertas, mãos estendidas e muitos corações dispostos a acolhê-lo. Recebeu o nome de **Bob** e, desde então, passou a ser alimentado, protegido e cuidado pelos moradores, que fizeram dele um companheiro querido de toda a vizinhança.

A história de Bob nos lembra que a verdadeira grandeza está nas atitudes mais simples. Um prato de comida, um pote de água, um carinho, um lugar seguro para descansar podem mudar completamente a vida de um animal. E, ao mesmo tempo, transformam também quem pratica esses gestos de amor.

Que o exemplo de Bob inspire outras ruas, outras famílias e outras comunidades a abrirem espaço para a solidariedade. Afinal, quando acolhemos um animal, acolhemos também a esperança de um mundo mais justo, mais gentil e mais humano.

Que a **Revista Thorzinho** continue sendo um pequeno jardim onde florescem o respeito, a amizade, a consciência ambiental e o amor por todos os seres vivos.

Com carinho,

As editoras



Contos

O professor a avançar lentamente em seu veículo flutuante, depois de mais um dia de trabalho, a receber cumprimentos de outros docentes bem como de alunos, é uma celebridade do mundo acadêmico. Trata-se do Dr. José Raimundo Miranda. Apesar da fama que o precede aonde vá, ele, humildemente, prefere ser chamado de Miranda, e sem o título.

Miranda é professor emérito da Universidade Brasil, a mais conceituada instituição de ensino superior de nosso país e uma das dez melhores do Planeta. Aos cento e nove anos, depois de lecionar por mais de sessenta e espriar seu saber mundo afora, há dois retornou ao Brasil para fazer o que mais gosta: compartilhar, no idioma natal, os conhecimentos acumulados durante a extensa e honorável carreira.

Desde sua volta, dedica parte de seu tempo a co-orientar doutorandos, todavia, o comentário elogioso de outro professor, sobre o TCC de um jovem estudante, despertou-lhe a curiosidade. O TCC abordava um assunto ao qual Miranda dedica atenção especial: a água.

Prestes a se conectar ao TCC, Miranda leu à moda antiga a folha com a aprovação do trabalho:

“Trabalho de conclusão de curso de autoria de Fernando Braga Sant’Ana, intitulado “ESCASSEZ DE ÁGUA NO BRASIL: NEM SEMPRE FOI ASSIM”, apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de especialista em engenharia ambiental defendida e aprovada, em 4 de abril de 2054, pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof. Dr. Rodrigo Dutra – Orientador

Prof. Dr. Ricardo Campos – Co-orientador

Prof^a Dra. Alexandra Santos – Examinadora externa

A simples leitura do vocábulo “água” no título transportou Miranda para longe no tempo e distante na geografia. Ele nasceu e morou, até os dezoito anos, em uma comunidade ribeirinha do Amazonas, chamada São José do Caiú-Caiú, localizada a pouco mais de setecentos quilômetros de Manaus. À época, Miranda vivia cercado de água ou quase imerso nela. Tudo muito natural para aquelas pessoas, pois não conheciam outras realidades e, principalmente, por ignorarem o que ocorria, em especial nos estados da região Sudeste, ao lidarem com a gênese de um problema que alterou dali em diante a história do Brasil a partir dos anos 2030.

Os governos estaduais do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo adotaram medidas cada vez mais duras a fim de garantirem água à produção de bens e aos lares de seus habitantes. No começo, eram ações educativas em prol do consumo consciente, acompanhadas aqui e acolá de medidas punitivas aos desperdícios flagrantes. Mais adiante, com a crescente diminuição da oferta de água, essas medidas tornaram-se restritivas: rodízio no fornecimento aos bairros, às cidades e até aos próprios estados. Finalmente, dada a escassez do precioso líquido, as estratégias se ampliaram para além das fronteiras daquela Região, atingindo todo o território brasileiro.

Miranda se conectou ao simulador e passou a vivenciar o conteúdo do TCC. A tecnologia permite-lhe sentir como se fosse, ele próprio, o autor da narrativa. Avançou logo aos capítulos intermediários: “[...] restou comprovado, havia abundância desse bem no Planeta, sendo o Brasil um dos países mais ricos no recurso. Tal assertiva se confirmou por meio de curioso registro encontrado sobre uma pequena cidade em Goiás, cujo nome derivava da palavra água. De acordo com o texto, o Ribeirão Grimpas influenciou o batismo do município, nascido como um minúsculo povoado, que cresceu, se fortaleceu e conquistou a emancipação. Hidrolândia foi o nome escolhido para a cidade, derivado da junção dos termos ‘hidro’, relacionado à água e ‘lândia’, infiltrada em nosso idioma pelo aportuguesamento da palavra “land” ou terra, em tradução livre do inglês. Hidrolândia era, portanto, a “terra da água [...]”.

“Raros e muito idosos aqueles em condições de fornecer relatos dessa época longínqua. Não fossem as imagens conseguidas junto ao Arquivo Público Nacional, eu duvidaria dos depoimentos colhidos dos anciãos sobre a quantidade de água havida no Brasil e como era fácil obtê-la [...]”.

“De início, admito, pareceram-me delírios, caduquices dos entrevistados. Não fosse meu orientador, eu desistiria dessa pesquisa. Segui adiante e, ao fazê-lo, deparei-me com achados em conceituados periódicos científicos e outros populares. Esse conjunto de informações levou-me a concluir: houve um longo tempo em que a água era considerada um recurso ilimitado e ofertada quase de graça à população. Bastava abrir uma torneira ou um chuveiro e a água jorrava. Imagens desses objetos em funcionamento constam dos anexos deste trabalho [...]”.

“Determinadas constatações causaram-me espanto e revolta. Por acreditarem ser inesgotável, pouca importância lhe era atribuída. Desperdiçava-se água insípida, inodora e incolor, não essa cara, rara, salobra e em quantidades mínimas ofertada hoje [...]. Água com tal qualidade, hoje, é considerada utopia.

Emocionado, Miranda interrompeu a conexão. Lembrou de como era prazeroso

banhar-se sob o chuveiro, hábito hoje inexistente, a pesquisa fazia-o rever os acontecimentos que culminaram no modo de vida atual. Ele testemunhou o que o estudo descrevia. Recordou-se que, para contornar os problemas da escassez de água na região geográfica dita “a mais importante” e no estado mais rico do Brasil, uma manobra arquitetada pelos chefes dos três poderes republicanos de então autorizou, sem os necessários estudos de impacto ambiental e cuidados prévios, o desvio de inúmeros cursos d’água das regiões mais bem servidas no recurso. Iniciaram-se obras gigantescas, levadas a cabo por grandes consórcios.

O PIB nacional cresceu a índices jamais vistos, ficando atrás apenas do chinês. Os níveis de desemprego beiravam a zero. Habitantes dos países vizinhos emigraram para o Brasil, dada a insuficiência de trabalhadores por aqui. O País se tornou um enorme canteiro de obras. Investimentos estrangeiros proporcionaram avanços significativos em diferentes áreas. Abnegados ambientalistas protestaram contra esse enlouquecido e caótico modelo, mas foram simplesmente ignorados. Tanta pujança econômica nos cegou.

Os termos “*muito idosos*” e “*anciãos*” do TCC se referem a pessoas como ele, Miranda. O professor celebrou o avanço das técnicas medicinais que extirparam quase todas as doenças e prolongaram a vida humana. Prestes a se reconectar ao TCC, Miranda olhou-se no espelho. Para ele era indiscutível ao menos uma das boas consequências desse avanço: a cura da calvície. Com a descoberta, pôde recuperar as madeixas perdidas há tempos. Findo o momento de autoadmiração, o professor tornou a se ligar: “*A imensa área denominada Amazônia Legal passou a ser protegida por tropas plurinacionais, dada a incompetência do governo brasileiro em preservá-la. Nossa soberania sobre toda aquela área foi relativizada em decisão inédita da Organização das Nações Unidas por um bem maior, a preservação do Planeta. As Forças Armadas do Brasil apoiaram a ONU. Os militares constataram: os chefes dos poderes republicanos haviam se contaminado em demasia pelos sucessivos escândalos de corrupção, face aos desvios de recursos financeiros das obras faraônicas destinadas a sanar a escassez hídrica da Região Sudeste. Enquanto as obras prosseguiram, os problemas com a Região Norte eram ignorados. O rio Amazonas, por exemplo, tornou-se uma minguada caricatura de sua exuberância. Como desdobramento da inércia das autoridades locais, as margens do que restou daquele rio são vigiadas com rigor, e apenas robôs a serviço da ONU circulam por elas. Não é permitida a aproximação de humanos. A floresta amazônica, outrora a maior floresta tropical do mundo, por pouco não se transformou no maior deserto conhecido. Foram vãs todas as tentativas de recuperá-la até o momento. Adiciona-se aos malefícios daquele modelo, o total extermínio das diversas etnias indígenas que por lá viviam*”.



Uma incômoda dor no peito: essa a sensação experimentada por Miranda. Antes de se reconectar ao TCC, o professor acreditou que reviveria, mesmo virtualmente, seus verdes anos. Decidiu avançar para o final da pesquisa. Infelizmente, o tom de melancólica revolta se manteve: *“Ao terminar a primeira das minhas especializações, sinto-me satisfeito com a conquista. Contudo, levo comigo um quê de angústia bem sintetizada em um antigo ditado popular: ‘a ignorância é uma bênção’. Hidrolândia e o Ribeirão Grimpas não existem mais, ambos vitimados pelo conjunto irresponsável de obras, que concederam à água o sabor de utopia. No local há mais um deserto brasileiro”*.

Miranda decidiu suspender de vez a conexão. Sentia-se exausto pelas lembranças revisitadas. Resolveu encaminhar uma mensagem ao autor do TCC: “Prezado Fernando, Parabens-lhe pela qualidade de sua pesquisa, já incorporada ao acervo da Universidade Brasil. Desejo sucesso nas próximas fases de sua vida acadêmica. Conte comigo se precisar. Alunos com sua capacidade renovam nossa motivação em formar cientistas cada vez mais conscientes. Não poderia deixar de registrar minha concordância apenas parcial com você, quando registrou ‘a ignorância é uma bênção’ ao constatar as insanidades que nos conduziram à situação atual de escassez de água. Compreendo sua revolta. Estive junto aos que protestaram contra aquelas obras. Encerro esta mensagem com um pensamento do grande filósofo Jean Paul Sartre: ‘O importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós’. Um abraço, Prof. Miranda”.

=====

Imagem futurista e apocalíptica da Floresta Amazônica criada pelo ChatGPT a partir de descrição da cena

O (IN)IMAGINÁVEL

Wellington Soares da Costa

<http://lattes.cnpq.br/2378720543304237>

Chegou de supetão.

Primeiro pareceu pegadinha.

Depois aparentou brincadeira de mau gosto.

Também gerou suspeita de covardia e maldade.

Não foi ficção, embora parecesse o pior pesadelo.

Apresentou-se desgraçadamente precoce.

Não perdoou ninguém.

Numa circunstância crudelíssima massacróu afetos.

Até nos momentos inesperados impôs lágrimas.

Mais tarde, as glândulas faliram e os choros ficaram secos.

Porém, as lágrimas retornaram e hão de marcar presença frequente.

Estado perene, feriu sentimentos, às vezes mais, de quando em quando menos.

Trouxe a dor sem fim chamada saudade.

Inaugurou horizontes melancólicos.

No patrimônio emocional causou prejuízo gigantesco e, acima de tudo, irreparável.

Sua realidade não conjugou verbos exclusivamente nos pretéritos e futuros.

Não passou. Jamais passará. Eterno presente.

Impôs mudanças de chão.

Trocou direções.

Modificou destinos.

Inesquecível. Mas não se deseja esquecê-la, porque o amor não foi junto.

Seus fantasmas talvez arrefeçam nalgum dia.

Seu nome? Viuvez.



Crônicas

FALA DEMAIS

Um prédio altíssimo. Milhares de executivos. Todos com pressa. Ninguém tem um segundo a perder. Tempo é dinheiro, e dinheiro é poder; essa era a lógica que guiava a cada um daqueles executivos, que no final, se resumiam a números.

Um dia um dos executivos chama o elevador. Ele chega. Abre as portas. Já tem um passageiro. Também executivo. Nunca se viram antes. Aperta o botão com o número quarenta e dois.

Viagem em completo silêncio. Um com uma maleta na mão. O outro lendo papéis cheios de números com vívido interesse. Um olha no relógio. Sentem um tranco. O elevador apaga. Aquele frio corre pela espinha. Um desequilibra. Se apoia na parede.

Se acende uma fraca luz de emergência. O elevador quebrou. Logo agora? Com eles? Não podia esperar? Mas não havia solução. Agora é esperar. Os dois continuam em silêncio. Até que um deles quebra a regra:

— Logo hoje? Péssimo dia pra isso. — Murmurou sozinho, de olho no relógio.

— Ah, não! Você é um daqueles.

— Eu sou? — Pergunta com surpresa e curiosidade.

— Com certeza!

— Mas sou um daqueles o que?

— Que não sabe ficar quieto no elevador, sempre tem algum desses por aí, que começa a falar e não para mais, contando histórias, falando sem parar. Tem filhos casando, sobrinhos vindo visitar, sogra que não dá trégua. Não acredito que vim parar numa viagem de elevador com um cara desses.

— Bem, desculpe, vou ficar quietinho aqui.

— Agora não adianta mais, vai ficar aí disfarçando, pra dizer que não é um grande falastrão de elevador? Na verdade essa técnica é manjada. Se faz de discreto, de cara tímido, e quando menos se espera, está lá, aproveitando qualquer brecha que encontra, acho até que li em um livro sobre isso, os caras que sabem ser discretos demais. Apesar que aquele autor também escrevia demais, explicava demais. A ideia era boa, mas se alongava demais em trechos desnecessários, deve ser um falador de elevador também, só pode, mas tenho certeza que você já percebeu que eu saquei sua técnica, e não poderá ser tão eficaz quanto você gostaria!

— Minha técnica? — Responde o homem sem entender nada, olhando firme para o colega de transporte predial.

— Sim, eu saquei antes de você começar a falar e não parar mais, como um papagaio, que fica repetindo tudo que ouve por aí. Como uma televisão ligada, falando sozinha, sem parar. Mas eu fui mais sagaz, e não dei chance de isso acontecer. Embora uma boa história possa chamar atenção. Como meu tio, que tem uma mania estranha, ele se comunica com minha tia apenas em extrema necessidade, não que ele não goste dela, eles se dão bem, mas ele diz que não quer que ela se canse de tanto ficar ouvindo ele tagarelar e dizer ladainhas. Aí ele prefere ser mais calado.

— Seu tio parece um sujeito esperto. — Diz com um ar de ironia.

— Pois é, bem que você poderia aprender alguma coisa com ele, para não ficar jogando conversa fora por aí, com estranhos nos elevadores. Acho até um pouco inseguro pra você ficar assim tão íntimo tão rápido com

peessoas que você nem conhece. Já parou pra pensar no perigo? Revelar informações assim para qualquer um que você não sabe nem o nome? Minha esposa ia ficar completamente furiosa se eu revelasse nossa vida pessoal assim para os outros. Iria pôr em risco a ela, e ao nosso filho, que tem três anos e meio. Ainda mais no bairro que a gente mora. Lá no Limão Gracioso. O bairro já foi mais tranquilo, mas agora está acontecendo cada barbaridade, deve ser por causa dessa mania de todo mundo falar da vida dos outros, sair espalhando por aí o que não devia.

— Puxa, que situação! — Diz o homem com um nítido desconforto.

— Viu só? Como a classe dos faladores está fazendo mal para todo mundo, não apenas dentro dos elevadores por aí? Talvez você devesse chamar o restante dos faladores que você conhece e estabelecer uma campanha anti-falação, seria um pequeno passo, mas um belo começo. Seria uma benção para aqueles que sabem apreciar o silêncio, que conseguem ouvir sua voz interior. Seria talvez o ápice da campanha de educação no mundo; já imaginou, todos poderem entrar em um elevador, sem o medo de haver um falador sem noção, que fala, fala, fala, e não deixa ninguém falar?

— Nem me diga! — Responde o homem se encostando na parede.

— Coloque isso de alvo de vida para você, seria uma benesse para o mundo ...

Sentem um tranco. A luz integral é acesa. O elevador começa a se mover. Sentem que estão descendo. Começam a correr as luzes nos botões dos andares. Chegam ao térreo.

A porta se abre lentamente. O técnico pergunta se estão bem. O homem que estava encostado na parede sai dali um pouco tonto, e senta em uma cadeira, para tomar fôlego.

O porteiro pergunta se eles estão bem para o outro homem, que responde:

— Eu estou ótimo. Ele deve estar mal assim por que é um falador de elevador, deve ter perdido o ar de tanto falar.

Assim, cada homem toma seu rumo.

Mas o porteiro marcou bem o rosto do homem que saiu e precisou sentar. Nunca lhe sorria nem dizia bom dia na entrada do prédio. Não confiava em faladores de elevador. Tinha isso por regra.

Uma vez o porteiro o viu entrando no elevador, e colocou o dedo indicador tocando nos próprios lábios, pedindo silêncio, em um gesto cinematográfico apontou para o homem. Que estava embarcando completamente sozinho naquele elevador. E seguiu solitário sua viagem.

O homem nunca entendeu a antipatia do porteiro por ele, até tenta amenizar, lhe diz bom dia e só recebe silêncio como retribuição...

O DISCRETO DEMAIS

Já reparou que em uma festa, sempre tem aquele que fica no cantinho, discreto, apenas contemplando o que se passa, e sabe a hora certa de falar, de sair, de chegar. Esse é o pior tipo de discreto que existe, e não estamos falando de tímidos, mas sim de quem usa a discrição a seu favor, sem pudor, sem amarras, sem vergonha.

Aquele que sabe a hora de atacar, que pega o último pedaço de bolo, que mansamente pega o melhor lugar no cinema, que discretamente fala com a sua paquera. Eles dominam a arte de entrar e sair sem ser notados, como ninjas do meio comum. Atacam, recuam, somem, e não são vistos. Voam sempre abaixo do radar.

Alguns têm a capacidade de desaparecer, não literalmente claro, mas na sua atitude, ele some nas sombras, ou no canto do escritório, e ninguém pede nada pra ele. Afinal, não tem intimidade com ninguém, e ele usa isso ao seu favor, como usa. Quando ele precisa, chega sorrateiramente na vítima, e lhe diz com um sorriso: —Bom dia! Pode me ajudar? — Falso, descarado, ele mesmo não ajuda ninguém, escondido atrás da sua alta performance em ser discreto.

Mesmo nos esportes, ele quase não aparece, fica fazendo sua função na maciota. Então se infiltra na defesa adversária, e ele se torna o elemento surpresa, fazendo aquele ponto decisivo, marcando aquele gol, talvez até sem querer, ou não, talvez ele queira que pareça sem querer, para não estragar seu disfarce, e comemora discretamente. Somente um aceno, e nada mais.

Esses discretos estão por todas as partes, dentro dos ônibus, esperando um lugar vagar e zás, você fica de pé. No banco, enquanto você olha fixamente para o telão para ver se chamam sua senha, e de repente surge um número na tela, não é o seu, é do sujeito que estava discretamente esperando, e você não tinha o percebido. Na fila do lanche da escola, você bobeia um segundo e pronto, alguém discretamente pega o lanche antes de você.

Existem os discretos por profissão, feito as camareiras de hotel, você sai do quarto, e quando volta está tudo arrumado, cobertas no lugar, farelo aspirado, até sua roupa está dobrada, aí fica a questão: quando entraram? Já estavam aqui e ninguém viu? Como arranjaram tempo hábil? São mistérios que serão discretamente escondidos à vista de todos.

E que dizer dos espiões? Discretos altamente remunerados, e alguns são tão bons que se tornam espiões duplos, triplos. Esse talvez seja o auge da discrição, espionar países inteiros e não levantar dúvidas, manipular os rumos do mundo sem nunca aparecer numa foto, sem falar nada, apenas olhando e não sendo notado. É uma arte complexa e exigente.

Tenho certeza que você já pensou em alguns discretos a serem evitados, e talvez tenha até mapeado mentalmente como desviar deles. Mas uma coisa posso te garantir, eles estão por aí, e vão sobreviver a tudo que possam arranjar contra eles. A classe permanece, a arte de não aparecer é milenar e longa. E você, já fez uma varredura no ambiente que se encontra? Está livre de discretos?

Sabem o que se diz: se você vê um discreto, ele te vê. Se você não vê o discreto, aí sim, você corre perigo...

Existem termos e expressões que são difíceis de entender por si só, como se fossem feitas mais para confundir do que para esclarecer, por exemplo: entender ao pé da letra. Para mim não faz sentido, porque letra não tem pé, nem mão, embora as professoras chamem a letra cursiva de letra de mão, o que pra mim sempre foi confuso, já que uma letra cursiva sem outra por perto põe a mão aonde?

Outra expressão que me confunde é: Deu com os burros n'água. Eu entendo o sentido, alguém se deu mal, perdeu a viagem, teve uma decepção. Mas onde que entra a parte que diz respeito aos burros e a água, é um rio? Um lago? Uma poça? Um copo? Ou o oceano? E que raios essa pessoa tentava fazer com o coitado do animal?

Por que para alguém pretensioso mandam tirar o cavalo da chuva? Eu nunca conheci um dono de cavalo que deixasse de propósito o animal na chuva, seria até mesmo um maltrato equino, depois o cavalo pode até ficar doente, não consigo enxergar a vantagem do pretensioso em deixar seu animal de montaria ao relento, descoberto, enfrentando a chuva e as intempéries climáticas, é algo que deve inclusive ser combatido pelos órgãos responsáveis.

E por falar nisso, hoje está chovendo canivete. Pronto. Mais uma pra confundir, desde quando objetos metálicos, portáteis e cortantes se precipitam desde as nuvens? Seria uma hecatombe se isso realmente acontecesse, acabaria com a vegetação, animais, moradias, com populações inteiras das cidades, e ainda poluiria os rios com metais que porventura cairiam em seu leito. Também não faz o menor sentido, e a gente fala e entende...

Outra que não me favorece é dizer que o sujeito entrou numa fria, mas qual fria? Ele entrou no freezer? Sentou na geladeira? Adentrou em um frigorífico? Foi para o Alasca? Se mudou para um iglu? E ele se precaveu? Pelo menos um casaco seria bom a pessoa conseguir em uma situação dessas.

Talvez tenha acontecido com você, de perguntar alguma coisa para alguém e não obter respostas, aí alguém já diz: — Te deixou no vácuo! — Pronto, lá vamos nós de novo, nesse mundo cheio de ar para todo lado, onde encontrou um lugar livre da presença de gases da nossa atmosfera? Ou foi mandado para o espaço? Talvez tenha caído em uma máquina de fechar pacotes de café, mas seria um fim terrível para qualquer ser humano, e sem contar que seria o decreto de sua extinção, afinal o que ele respiraria no vácuo?

Algumas me deixam preocupado com o tom de sadismo envolvido, quando falam de alguém que deu o braço a torcer, eu me pergunto como chegou nessa situação, e porque voluntariamente deixou ter um membro do seu corpo lacerado sem piedade para provar um ponto qualquer. Até entendo que existem pessoas teimosas – eu sou um grande exemplo disso – mas não até o ponto de causar lesões corporais significativas em si mesmo para ganhar uma questão.

Sem contar os ditados que foram vencidos pelo tempo e pela tecnologia, os quais as gerações mais antigas podem entender, por exemplo: que alguém queimou o filme, caiu a ficha, dar corda, rebobinar, ou até quando falam pra gente virar o disco! São expressões que perderam o prazo de validade, e podemos imaginar que com o tempo, muitos outros surgirão e passarão, mas mesmo assim, para quem gosta de entender as coisas ao pé da letra, não vai fazer sentido, porque a letra continua sem pé.

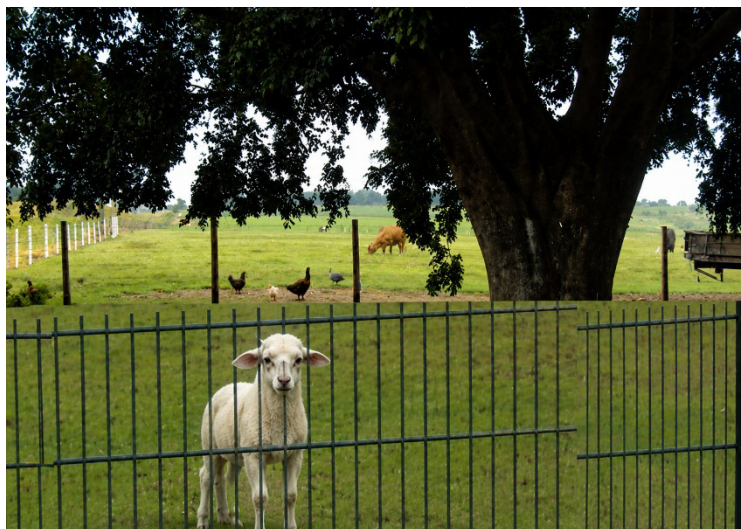
Lucas Ribeiro

Lucas Ribeiro nasceu em São José dos Pinhais, PR. Cronista por acaso e observador por hábito, começou a escrever para tentar entender o que as pessoas fazem – e por que fazem. Descobriu cedo que o comportamento humano é uma fonte inesgotável de estranheza, e que o humor na maioria das vezes é a melhor ferramenta para olhar para isso tudo sem enlouquecer. Autor do livro “Coisas que a gente pensa... ou não”. E com mais obras a caminho.



Era só um cordeirinho branco

Luizinho Trocate



O executor (terrível isso, mas era isso que ele parecia e era) se chamava Malaquias. Arrastou o pobre cordeirinho pra debaixo de uma *figueira alta, frondosa, muito antiga onde, de um galho grosso pendia uma corda também grossa, encardida, suja de um escarlata enegrecido comprometedor, o solo em volta, **desgramado pelo patear / sapatear de animais e homens – estes arrastando aqueles para um destino nada alentador – também apresentava, aqui e ali, o mesmo tom de cor da corda. Marcas indeléveis de sangue envelhecido!

Ali, naquele ***sítio, ocorria venda de animais abatidos – carne fresca – para saciar a fome desvairada nas ceias natalinas, não só, mas principalmente; porcos, cordeiros, galos, perus, patos, marrecos, enfim, chegavam ali ao fim da linha.

Os homens – exceto vegetarianos, veganos etc. – vivem da execução de animais e isso, eu que sou carnívoro, não tenho o direito de condenar, mas, e talvez seja uma forma hipócrita de raciocinar, comprar uma picanha embalada no açougue, ou uma galinha congelada com os miúdos dentro (que são uma delícia!), (ou um carrê de cordeiro processado e com SIF, nossa!) é uma coisa; agora comprar um animalzinho “em pé”, que pouco antes corria feliz pelos campos e galinheiros (quando galináceos) e vê-lo amarrado e, aterrorizado, ser arrastado até o “altar – no caso figueira – do sacrifício” para ser abatido com requintes de crueldade é outra parada. Não é pra qualquer um que tenha um mínimo de compaixão!

“Alto Malaquias! Desisto!”. Sei que minha desistência não salvou o animalzinho, outro vai comprá-lo e talvez até se deleitar ao ver a faca afiada exercer seu corte perfeito pelas mãos experientes do executor, mas, não, eu não poderia continuar com aquilo, ele era só um cordeirinho branco, aliás, a cor não importa, mas no caso ele era branco como a maioria dos cordeiros – claro que há também alguns cinzentos, outros negros e até alguns furta-cores -

e posso estar enganado, mas de seus olhinhos corriam lágrimas enquanto, sendo arrastado, forçava os cascos na terra tentando desesperadamente não ir até a árvore fatídica.

Agnus Dei!

*Ficus = figueira, conforme na foto.

**Acho que este termo não é dicionarizado para referir um gramado sem grama pelo uso, pelo pisar constante, enfim, mas gosto muito de criar palavras novas, como Joyce, como Rosa.

***Não é uma prática aconselhável realizar este tipo de compra, são matadouros clandestinos, mas é extremamente comum nos rincões do país e esta é só uma história fictícia para, alinhado à máxima de dar “voz a quem não tem”.



Sobre o autor: Luizinho Trocate (heterônimo de Luiz Ramos), natural de Andradas MG; Psicanalista, Teólogo, Escritor, Empresário. Diversos trabalhos publicados em jornais, revistas, livros, sites, teatro. 05 filhos, um menino e 04 meninas.

Livros publicados: “Sobre a Terra”, “Paris, Minas”, “Segurança do Trabalho - um jeito novo de viver”, “Os bichos”, “Sobre todas as cores”, “Contrastes”, “São Paulo Minha Cidade. com”. Publicado originalmente no site Recanto. Contatos: slramos224@gmail.com

Minhas férias na fazenda

Amo a vida na cidade, mas nada se compara com a vida na fazenda e tudo que eu vivo sempre que vou para lá desde a minha infância. Dia lindo, clima suave, ambiente tranquilo, cheiro de chuva e terrinha molhada, vizinhos que se conhecem e se protegem. Casinha grande ou pequena mas bem humana, bem simples, bem humilde, comidinha caseira, a minha preferida pode ter certeza. Não vejo a hora de chegar o mês de julho ou os meses de dezembro e janeiro. Minhas férias, minhas lindas e queridas férias.

O Sol de julho mal vencia o frio da madrugada quando o canário da terra cantou no galho do ipê. No quarto de fustão branco, na Fazenda Boa Vista, Lucas, de nove anos, e Mariana, de sete, abriram os olhos quase ao mesmo tempo. Não havia despertador, mas o silêncio do interior acordava a gente mais cedo.

Aos pés da cama, um vira-lata caramelo de orelhas caídas e rabo em constante movimento esperava o sinal. Era Farofa, o companheiro de todas as horas que cruzara o estado com eles dentro do carro, saindo da capital direto para o coração de Minas Gerais.

— Ele acordou primeiro que a gente, Mari — sussurrou Lucas, esticando os braços.

— Farofa já quer o quintal. Vamos antes que a Vovó Naná chame para o café — respondeu a menina, já caçando as galochas de borracha vermelha.

Quando abriram a porta da cozinha, o cheiro de broa de fubá assada no forno a lenha e café fresco invadiu tudo. Vovô Tonho, de chapéu de palha e botinas sujas de terra, terminava de coar o leite tirado na hora.

— Benção, Vovô! Benção, Vovó! — gritaram os dois em coro.

— Deus abençoe, meus fadinhas. Olhem lá que o dia hoje está bom para gastar sola de sapato — disse o avô, com o sotaque arrastado e o sorriso cheio de rugas amigas. — Mas primeiro, tratem de sustentar o corpo. Quem não come, não aguenta correr atrás de bezerro.

Farofa ganhou um pedaço de queijo minas curado, que engoliu sem mastigar, fazendo o rabo chicotear as pernas da mesa.

— Cuidado com esse cachorro perto do galinheiro, Lucas. A Carijó está de choco e não quer conversa — avisou Vovó Naná, limpando as mãos no avental florido.

— Pode deixar, Vovó! O Farofa é urbano, ele tem medo de galinha — riu Lucas, terminando o copo de leite integral.

A aventura começou pelos fundos do casarão. O quintal da fazenda parecia não ter fim para quem passava o resto do ano trancado em apartamento. O mato estava ralo por causa da seca de julho, e a poeira levantava vermelha a cada passo.

O primeiro destino foi o curral. Vovô Tonho já amarrava a perna de Mimosa, a vaca holandesa. Um bezerrinho de manchas pretas e brancas, batizado por Mariana de “Pipoca”, tentava mamar com cabeçadas afoitas.

— Posso passar a mão nele, Vovô? — pediu Mariana, esticando os dedinhos.

— Chega devagar, minha fia. Deixa ele cheirar sua mão primeiro. Bicho do mato conhece a gente pelo faro.

Mariana obedeceu. O focinho do bezerro era úmido e quente. Ela riu alto quando a língua áspera do animal raspou sua palma. Farofa, assistindo a tudo de longe, soltou um latido curto, ciumento, mantendo uma distância segura de dois metros das patas da vaca.

— Olha o Farofa, Mari! Está achando que o Pipoca vai roubar o lugar dele — zombou Lucas, correndo em direção ao pomar. — Vamos ver as laranjas!

O cachorro disparou na frente, as orelhas voando para trás. No pomar, o chão estava forrado de folhas secas que estalavam sob os pés. Lucas subiu no primeiro galho baixo de um pé de mexerica ponkan. As frutas estavam carregadas, com a casca fria pelo sereno que ainda não tinha evaporado de todo.

— Joga uma para mim, Lucas! — pediu Mariana, do pé da árvore.

O menino colheu três, descascou uma ali mesmo com as mãos, deixando o óleo perfumado da casca sujar os dedos e o ar. Dividiu os gomos com a irmã. Farofa sentou-se embaixo, olhando para cima com os olhos pidões. Lucas jogou um pedacinho. O cão pegou no ar, mas logo cuspiu, fazendo careta para o azedo da fruta. Os irmãos caíram na gargalhada.

Por volta das onze horas, o primo mais velho, Tião, apareceu montado no cavalo Alazão. Trazia nos arreios dois sacos de milho em grão.

— Ei, molecada! Bora tratar dos porcos e das galinhas? — chamou Tião, apeando com a agilidade de quem nasceu ali.

— Eu levo o saco menor! — voluntariou-se Lucas, tentando carregar o fardo pesado.

No galinheiro, o tumulto foi geral. Ao verem o milho ser jogado no chão, dezenas de galinhas caipiras, angolas e alguns patos pescoçudos correram numa algazarra de cacarejos e bater de asas. Farofa, esquecendo o aviso da avó, resolveu mostrar valentia. Correu em direção a um galo garnizé de crista vermelha e empinada.

— Farofa, não! Volta aqui! — gritou Mariana.

Foi tarde. O garnizé não era de correr. Enfezou-se, estufou o peito e correu em direção ao cachorro, dando um voo curto com os esporões para a frente. O vira-lata deu um ganido agudo de susto, deu meia-volta e correu para trás das pernas de Lucas, com o rabo firmemente enfiado entre as pernas traseiras.

— Eu não disse que ele tinha medo? — riu Tião, ajeitando o chapéu. — Esse aí só enfrenta sofá e tapete.

O almoço foi servido às treze horas: arroz soltinho, feijão gordo com torresmo, frango caipira com quiabo e angu. Comer na fazenda tinha outro sabor. As crianças, exaustas da manhã de sol, repetiram o prato. Depois da refeição, veio o descanso obrigatório na varanda. Vovô Tonho cochilava na cadeira de balanço, enquanto Lucas e Mariana deitaram-se na grande rede de algodão. Farofa, cansado da humilhação com o galo, deitou-se exatamente embaixo da rede, aproveitando a sombra e o vento fresco de julho.

— Lucas, você quer voltar para a cidade? — perguntou Mariana, olhando para o teto de vigas de madeira onde as marimbondos faziam casa.

— Agora não. Quero ficar aqui até o julho virar agosto. Lá em casa não tem poeira para correr, nem o Pipoca, nem esse cheiro de terra.

— E nem o Farofa pode correr sem coleira — completou a irmã, esticando o pé para tocar o pelo do cachorro.

À tarde, o céu começou a ganhar tons de rosa e laranja. Era hora de recolher os animais. Eles ajudaram Tião a tocar as ovelhas para o aprisco. O balido dos carneiros era fino, ecoando pelo vale enquanto o sol se escondia atrás da serra do Currálinho.

O frio da noite de inverno mineiro chegou rápido, subindo pelas canelas. Vovó Naná já tinha aceso o fogão a lenha novamente, desta vez para assar pinhão e esquentar caldos.

Na sala, os dois irmãos sentaram-se no tapete de retalhos, perto do fogão. Farofa estava deitado entre eles, com a cabeça apoiada nos joelhos de Lucas. O cachorro estava com as patas sujas de terra vermelha, o focinho com cheiro de mato e os olhos pesados de sono.

Vovô Tonho entrou trazendo um baralho velho.

— Quem vai querer aprender a jogar truco hoje? — desafiou o velho, piscando o olho.

— Eu quero! — disseram os dois juntos.

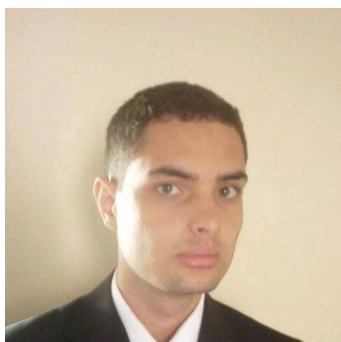
Ali, entre o estalar da lenha no fogo, o vento assobiando nas frestas das janelas de madeira e o calor do bicho de estimação aos seus pés, Lucas e Mariana entenderam o que eram férias de verdade. Não precisavam de telas, nem de internet. A terra, os bichos e o amor dos avós preenchiam cada segundo daquele julho inesquecível.

Dias calmos e silenciosos como aqueles jamais seriam iguais aos da cidade, barulhenta e movimentada, muito agitada. Como é incrível gostar de duas coisas tão diferentes em épocas tão diferentes, mas infância é infância, e eu nunca abriria mão disso não, o amor puro e verdadeiro pela vida na fazenda mesmo que por apenas alguns dias, sempre serão os das minhas férias perfeitas.

Chegando depois em casa, ele e Mariana registram tudo no diário, pois é um trabalho de escola que aprenderam no terceiro ano, registrar tudo pelo que passaram, para além de fotos, terem o registro escrito também para recordação e muita nostalgia.

Renan Oliver

Biografia



NOME COMPLETO: RENAN FELIPE FONDELO DE OLIVEIRA

SEU PSEUDÔNIMO (Caso use): RENAN OLIVER

E-MAILS: renanfondelo3@gmail.com \ renanfondeloo@gmail.com

MÍDIAS SOCIAIS: facebook : renanoliver2015 \ youtube : renanoliver2890

Escreve desde os quinze anos, ama ler e escrever, já participou de outras antologias poéticas, tem um canal literário no youtube onde fala dos livros que já leu, poemas que já escreveu e das antologias poéticas que já participou. É formado em letras e pedagogia.



Ensaïos

Filme: *La Mesita Del Comedor*

O espectador como cúmplice do absurdo

Marcus Hemerly, Bruna Rosalem



La Mesita Del Comedor parte de um ato inicial: um casal vai até a loja de móveis comprar uma mesa de centro. Um ato cotidiano que revelaria, mais tarde, ser um fio condutor à catástrofe. A peça: uma mesa um tanto exótica, com duas figuras femininas pintadas em dourado segurando uma tampa de vidro, daí a “Mesita” do título. Jamais imaginariíamos, no entanto, que o objeto causaria tamanhos estragos. Nos primeiros minutos do filme, percebemos que o casal que acabara de ter um filho passa por um momento difícil na relação. São desavenças o tempo todo, diálogos inacabados, cobranças e acusações.

Não sabemos muito bem ao certo quando as desavenças começaram, porém a chegada de um bebê contribui para o clima ficar ainda mais tenso. Depois de alguma discussão, eles decidem, mesmo a contragosto da esposa, levar a tal mesa de centro. Aliás, o vendedor parece ‘empurrar’ o móvel de qualquer jeito para eles. Convencidos, levam-na para casa e o pior acontece.

Agora a pergunta que não quer calar: o que poderia acontecer de tão terrível com uma estúpida mesa de centro? O roteiro de Caye Casas, que também assina a direção, e Cristina

Borobia que o digam! Ambientado praticamente no apartamento do casal, com pouquíssimas externas e elenco reduzido, *La Mesita Del Comedor* (Mesa Maldita, no Brasil; *The Coffee Table*, nos Estados Unidos), surpreende pela sagacidade e perspicácia de sua narrativa.

Definitivamente é um suspense, com pitadas de gore em algumas cenas e ausência de jump scares. É composto por uma atmosfera que nos mantém numa tensão absurda ao longo da película e aquele mal-estar crescente a cada cena e a cada decisão do personagem de David Pareja, que interpreta o marido completamente desnorteado, tentando permanecer lúcido e responsivo diante de tamanha tragédia.

Quando o ato desastroso acontece, a sensação é de total perplexidade. Leva alguns segundos para realmente acreditar no que os olhos veem. Acompanhamos a saga do marido tão incrédulos quanto ele, que durante todo o filme procura esconder da esposa, do irmão e da cunhada, que mais tarde vão visitá-los para um jantar em família, o terrível fato de ter derrubado seu filho recém-nascido na mesa de vidro. O horror é escancarado não somente pela sanguinolenta cena, como também a direção do filme nos faz ver e saber de algo ainda pior, impossível de revelar: a cabeça da criança está embaixo da poltrona. A partir disso, marido e espectador guardam consigo uma dor imensa sem poder compartilhar com ninguém.

Nesta obra, o confinamento transcende as paredes do apartamento e se torna uma prisão moral e emocional absoluta. O diretor utiliza a geografia da sala de estar para criar uma experiência de asfixia quase insuportável, tornando-se o epicentro de um trauma irreversível. Essa redefinição do espaço tem um objeto literal no centro do quadro, pois a mesa de vidro não apenas restringe o movimento dos personagens na pequena sala, ela parece ancorar o olhar do espectador. O quadro cinematográfico nos obriga a orbitar essa jaula de horror, transformando a sala de estar comum em uma masmorra psíquica da qual o protagonista (e o público) não pode se evadir.

A câmera frequentemente isola Jesús, o pai, em planos que o esmagam contra o sofá ou as paredes, de forma literal ou emocional, refletindo na tela a sua paralisia imposta; ele não pode fugir fisicamente do apartamento e não pode fugir psicologicamente da tragédia ocorrida. A negação da realidade posterga a fatídica revelação atuando como lastro ao suspense. O pai, a cada par de minutos, sente-se menos confortável naquele prolongar, no qual o ar claustrofóbico fere-o lentamente.

O espectador e o protagonista são os únicos que sabem da terrível verdade desde o início, criando uma prisão daquele que assiste na própria mente de Jesús. Acompanha-se ‘por dentro’ a escalada de esmagamento do personagem pela culpa e face ao insuportável. Nesse passo, a paranoia é ativada não por assassinos nas sombras, monstros ou qualquer elemento sobrenatural, mas por elementos supostamente banais. A chegada da esposa, do irmão, da cunhada, da vizinha, os sorrisos, as piadas casuais, chocam-se de forma iminente com a tragédia oculta, pois a interação social cotidiana ao redor do escabroso acontecimento torna-se a

maior fonte de tensão e violência psicológica para o público.

La Mesita Del Comedor é um estudo de caso perfeito sobre o tempo psicológico no cinema, desenrolando-se em apenas uma tarde e noite. Contudo, para o espectador, a duração parece infinita. A edição refinada e direção apurada nos prende em diálogos corriqueiros enquanto sabemos que a catástrofe está a centímetros de ser descoberta. Literalmente, afinal não podemos esquecer que a cabeça do infante permanece na sala. O diretor estica o tempo, transformando cada conversa trivial em uma agonia prolongada, fazendo-nos sentir fisicamente o peso daquela espera torturante.

A trama segue perturbando nossa mente e carne, pois é possível sentir a aflição de Jesús em inventar desculpas e saídas para que Maria, a esposa, não saiba que Cayetano, seu precioso filho, está morto e daquela forma. De origem espanhola, a película nos brinda com um enredo simples, mas que consegue extrair a partir de uma história aparentemente trivial de um casal ordinário comprando um móvel qualquer, um desenrolar tão criativo e incômodo. Tal é a tônica já conhecida nas produções daquele país.

Filmes assim nos fazem crer na importância de excelentes roteiros, além da montagem das sequências, sem necessariamente se preocupar com cenários gigantescos, alta quantidade de personagens e externas, trilha sonora fenomenal, entre outros elementos. Claro que tudo isso também é considerável numa produção, porém La Mesita, faz com poucos ingredientes uma experiência inesquecível. Outros filmes com características semelhantes vêm à baila: o drama/comédia Carnage (2011); o sufocante Enterrado Vivo (2010); o solitário Inside (2023); a excelente produção O Farol (2019); o frenético filme argentino 4×4 (2019).

Ao contrário de filmes em que o perigo espreita do lado de fora da casa, ou do ponto de atenção do personagem, aqui o horror está confinado dentro do próprio espaço visível, mas oculto dos outros participantes. Afinal, o que não é visto é imaginado de forma ainda mais intensa. Nessa tensão palpável, o design de som coadjuvadamente é usado para manter a ferida aberta. Os sons ao redor funcionam para nos lembrar o tempo todo do que está escondido dos demais e de ciência apenas de Jesús. Uma espécie de ‘extracampo’ moral, não espacial.

O que Caye Casas faz é valer-se das ferramentas do cinema de confinamento e aplicá-las para criar um estado de choque contínuo. Nós não estamos apenas presos na sala, mas na inevitabilidade da dor, e o imensurável período de latência.

Decerto, quando a narrativa nos priva do horizonte, a dinâmica entre o espectador e a película sofre uma mutação profunda. O filme deixa de ser uma janela para o mundo e passa a operar como um espelho de nossas próprias angústias. Tais efeitos são criados a partir de sofisticadas técnicas interacionais que atingem, por assim dizer, o espectador de forma mais intensa. Espelhamento Físico: a sala de cinema (ou o quarto escuro de casa) já é, por si só, um espaço confinado. Quando a imagem na tela reflete um ambiente fechado, ocorre uma sobreposição de realidades. O espectador não está apenas vendo o confinamento; ele está,

fisicamente e simbolicamente, submetido a ele junto com os personagens.

As bordas do quadro cinematográfico deixam de ser limites passivos da imagem e tornam-se paredes ativas e esmagadoras. A película nos aprisiona através de closes extremos e da recusa em mostrar o ‘lado de fora’, gerando uma sensação de enclausuramento. De certo modo, a restrição espacial obriga a narrativa a mergulhar verticalmente na psicologia dos personagens, o que desencadeia reações específicas no público. A ansiedade do personagem é transferida para o espectador através de técnicas de mise-en-scène. Ao nos negar o contexto externo, o diretor nos força a focar em microexpressões e na deterioração mental, ativando um lado empático baseado na tensão e no desconforto. O que provavelmente não ocorreria nos contextos de maior escopo de contextualização cênica, com o alívio visual do mundo exterior.

Qualquer ruído, som externo ou sombra no fundo do cenário tornam-se uma ameaça monumental, criando uma hipervigilância deflagrada por perigos ocultos ou idealizados. A imagem é então dissecada quase que paranoicamente, pois no confinamento, o tempo cronológico perde a importância e o tempo psicológico assume maior relevância. Este tipo de fazer cinematográfico assemelha-se a um laboratório do comportamento humano, possibilitando expandir a percepção sobre a fragilidade dos sujeitos diante do isolamento em um ambiente ‘controlado’. Sensações e sentimentos são intensificados, e, como defluência lógica, o próprio clímax inicia sua pujança antecipadamente.

Continuando na trama, há outras subtramas gravitando de maneira velada, muito bem orquestradas pela direção que aguça nosso imaginário: a garotinha Ruth, vizinha do casal, apaixonada por Jesús, propõe claramente a ele um ‘relacionamento’. Será que este pedido teria algum fundamento? Ele manteve alguma relação obscura com a menor ou seria apenas a imaginação fértil de uma pré-adolescente? A mesa de centro quebrou de fato quando o bebê caiu? Foi realmente um acidente? Como Jesús participa deste momento? O brilhante enquadramento em outro ponto da cena em questão nos deixa um vazio, pois apenas é possível escutar o estilhaçar dos vidros. Corta para a feição de horror do pai. Nada mais. Sangue nos móveis e tapete. Não sabemos como se deu cada sequência. Vivemos esse pesadelo juntos. As brigas constantes do casal poderiam revelar que o filho, naquele momento, não era bem-vindo? Jesús reclamava a Maria que não tinha liberdade de escolha no casamento. O pai deixou cair o filho na mesa da discórdia num ato falho?

A tensão entre o casal é patente desde o diálogo de abertura, longo, aparentemente sem propósito, bem ‘tarantinesco’. No entanto, tudo tem seu propósito. Poder-se-ia indagar se o rebento foi planejado, se, de fato, o marido pretendia ampliar a família naquele momento. Seria o descendente uma espécie de materialização de ‘terapia matrimonial’, como um último recurso ao relacionamento? E, ainda de forma mais dramática, o findar tão horripilante da criança poderia ter sido produzido, ainda que inconscientemente, numa revolta à sua mulher e seu relacionamento? O drama de Jesús e seu alongamento, poderia ser uma forma de

autopunição por ter sido o responsável – ainda que accidental? – pela morte do filho? Quer ele prolongar seu suplício, e, consequentemente projetá-lo sobre a companheira como se buscasse dividir, não apenas a culpa, mas a intensa dor?

O argumento, rico dentro de sua simplicidade, gravita em torno do bebê e o desenrolar de eventos, no qual ele é o catalisador que propulsiona os fatos e cenas ulteriores, o objeto de manutenção do suspense e, além disso, ponto que guia o fatídico desfecho, afinal, o sofredor pai terá de revelar o nefasto acontecimento. Jesús não tem como escapar: fatalmente em algum momento terá que contar à família enquanto segue recebendo visitas, interagindo com a esposa de modo robótico, checando se o bebê está dormindo e ainda rechaçando as investidas e ameaças da jovem vizinha enamorada por ele.

Impossível não traçar um paralelo com uma das celebradas obras de Hitchcock, *Festim Diabólico*, (*Rope*, 1948), no qual, em vez de um bebê, um corpo repousa dentro de um baú na sala de um apartamento onde se organiza uma recepção. Como dito anteriormente, o cinema de confinamento lança mão de inúmeras ferramentas como recursos narrativos, a partir da utilização de trilha sonora intensa, ou seu decote total e o desenrolar de fatos em tempo real. Aqui, o silêncio e o ruído tornam-se ‘personagens’ invisíveis, operando uma tensão acusmática. O ponto de mal-estar não é visto, no entanto seu resultado é sentido.

Observa-se que o cinema, muitas vezes associado à grandiosidade do espetáculo visual, encontra alguns de seus momentos mais relevados, justamente na restrição. A escolha pelo minimalismo cênico não é meramente orçamentária, (muitas vezes, o é), mas uma decisão estética e narrativa que força a linguagem cinematográfica a dialogar intimamente com o teatro de câmara e com a pintura de interiores, onde a tensão psicológica substitui a ação cinética, vetor este explorado nos anos 30, pelo dito movimento *Kammerspiel*, quase paralelo ao expressionismo.

Em *Festim*, Hitchcock, a partir do material original da peça de Patrick Hamilton, orchestra o filme para parecer um único plano-sequência contínuo, inspirado no famoso caso conhecido como ‘Leopold e Loeb’, dois estudantes da Universidade de Chicago que assassinaram um adolescente apenas para provar sua suposta superioridade intelectual nietzschiana, explorada no filme em diálogos filosóficos. Na trama, Brandon e Philip estrangulam um colega e escondem o corpo em um baú de madeira que permanece no centro da sala de estar onde, minutos depois, eles oferecem um jantar para a família e a noiva da vítima. O filme sustenta uma tensão gerada muito mais pela ânsia de saber quando os assassinos serão descobertos, afinal eles estão entre os familiares, do que quem realmente matou.

Em *La Mesita*, o cenário minimalista — um apartamento com vista para o horizonte de Nova York — torna-se um panóptico invertido. O público sabe a verdade sobre o assassinio do bebê. Indiretamente, somos cúmplices voyeuristas, observando a banalidade das conversas sociais acontecerem na presença de um cadáver. Assim como em *Festim* há a cumplicidade do

público em saber sobre o cadáver que está no baú. Sua descoberta é constantemente postergada a cada vez que um personagem se aproxima do objeto para servir comida ou colocar livros.

Enquanto Hitchcock utiliza o realismo espacial, *La Mesita Del Comedor* transpõe o absurdo cômico extremo. Já Luis Buñuel (em sua fase mexicana), subverte o minimalismo para o surrealismo. Ótima junção!

Temos então em *O Anjo Exterminador* (*El Ángel Exterminador*, 1962), um grupo da alta burguesia confinado em uma sala de estar após um jantar. Não há barreiras físicas, trancas ou guardas; porém eles simplesmente não conseguem sair. Aqui, o cenário estático funciona como uma crítica social corrosiva. O minimalismo do espaço serve para despir as camadas de civilidade. À medida que os dias passam, a sala luxuosa se degrada, assim como a moral dos personagens e o lugar torna-se uma jaula psicológica onde a figura humana é distorcida pelo isolamento. O suspense é existencial, ainda que sem viés ‘bergmanianos’, mas ainda restrito em sua ação, mesmo surreal, pelo qual o terror não assoma de um assassino externo, mas da implosão da quebra das normas sociais dentro de um perímetro restrito.

Por um prisma, se o corpo no baú é deliberadamente incluído como ponto de condução indireta da trama, o pequeno apartamento atua como uma cela não oficial, assim como na película de Buñuel, os próprios elementos humanos erigem a prisão. Em *La Mesita*, os contornos do filme gravitam, ora em tom de sarcasmo ácido, doído, ora em um suspense/terror cotidiano. É assustador pensar que qualquer um de nós pode enclausurar-se nas próprias celas e baús psíquicos a partir de decisões ou ações bem ou mal-intencionadas.

Afinal, se considerarmos as intensas investidas do inconsciente, todo ato falho carrega seu sucesso. Talvez, a jaula do silêncio seja tão potente quanto o fatídico, tal como um corpo num baú, um grupo confinado em um ambiente no qual é impossível projetar o que se espera, ou mesmo, o que está escondido debaixo de nossas mesas de centro, reais ou simbólicas.



MINIBIOGRAFIA

Marcus Hemerly é natural de Cachoeiro de Itapemirim/ES, formado em Direito, é servidor público do Poder Judiciário do Estado do Espírito Santo. Dr.h.c em literatura. Autor das obras solo “Verso e Prosa: Excertos de Acertos”, “Versos e Anversos” , “Alvéolos da Alma” e coautor em antologias poéticas e de contos versando sobre terror, policial e fantasia. Atua como membro de academias literárias e projetos culturais. É colunista de cinema, contribuindo para sites e jornais eletrônicos e pesquisador independente de cinema, precipuamente sobre os temas “Cinema Marginal Brasileiro” e “Horror Italiano”.



MINIBIOGRAFIA

Bruna Rosalem é natural de Campinas, São Paulo. Há mais de uma década reside em Balneário Camboriú, Santa Catarina, onde atua em seu consultório como psicanalista. É professora, colunista do Jornal Cultural Rol, participa de antologias, escrevendo contos e crônicas. Cinéfila por paixão e admiração pela sétima arte, pesquisadora independente em Cinema, Psicanálise, Cultura e Contemporaneidade. É Mestra em Educação e Práticas Culturais (Unicamp/SP). Pós-graduada em Filosofia, Psicanálise e Cultura (PUC/PR). Além de outros estudos em História da Arte (Escola de História da Arte - Profº Dante Velloni), História do Cinema (Programa História do Cinema - Profº Inácio Araújo) e Seminário Clínica Psicanalítica dos Transtornos Alimentares (Instituto ESPE).



Flowers from Bethlehem.
Fleurs de Bethléem. Blumen von Bethlehem.

Poemas

Flor mística

Flor mistério

num pedaço do horizonte.

Chuvas de pétalas no meu caminho;

brancas nuvens, vermelhas.

Muitas cores

tantas vidas

poucos amores.

Uma borboleta pousada

no meio do jardim

e vasos quebrados

em torno de mim.

Sinal de fumaça

Desconsolo

do solo

com a falta d'água.

O verde queimado

no jardim sem flores.

O campo já não produz

e o Nordeste chora de fome

com lágrimas secas.

Do chão quente

sobe com força

fumaça de dor.

Bernardo Santos, 62, aposentado, natural de Cristais – MG, residente em São Caetano do Sul – SP. Tem publicações em antologias, jornais, revistas impressas e digitais, além de premiações e menções honrosas em concursos literários no Brasil e Portugal. Seu último trabalho solo é o romance histórico *O aluno do Passado* (e-book Amazon, 2022). As participações mais recentes estão no *Dossiê Eros – Vol. II* (FênixArt/Curitiba-PR), nas revistas *10 Poemas – Tudo Junto e Misturado 3* (Belo Horizonte – MG) e na natalense *Barbante 182*.

www.bernardosantos.com.br



O verde da floresta

O verde abraça o luar,
com cheiro vivo de chão,
escuto as folhas cantar
segredos do coração.

O vento beija o cipó,
e acorda o ninho a sonhar,
mas vejo um silêncio só,
quando a mata quer chorar.

Há vida em cada raiz,
que rompe a terra a crescer,
o musgo veste o que fiz,
sem nunca nada dizer.

Se a floresta um dia calar,
quem ouvirá sua canção?
Perdemos mais que um lugar,
perdemos parte de nós, então.

Daniel Bezerra

A mãe natureza

A mãe natureza em flor
perfuma o verde pomar,
ensina em silêncio o amor,
que o vento sabe espalhar.

O rio canta ao luar,
beijando pedras e chão,
e pode o pranto guardar
nas águas do coração.

A folha aprende a cair,
sem medo de recomeçar,
pois sabe que o porvir
virá de novo brotar.

Eu ouço a terra dizer,
no canto de um sabiá,
quem cuida do seu viver
na própria vida viverá.

Daniel Bezerra

Mamões Alados
Edson Briato

Hoje desatentei do mundo
para ver o que sempre esteve ali.
A rotina é um véu espesso, mas o olhar,
quando se demora, desfaz o invisível.
Aos pés de um gigante vertical,
olhei para cima: cinco metros de tronco,
uma haste viva erguida ao céu,
carregada de tesouros disfarçados de mamões maduros.
O meu primeiro pensamento (esse vício humano)
foi de perda:
*“Que pena. Que desperdício.
Tão alto... ninguém consegue alcançar.”*
Pobre da minha miopia.
Não se passaram cinco minutos
e o vento trouxe a resposta.
Um sanhaço, manto azul sobre as asas,
pousou suave na carne doce do fruto.
Bicava com a precisão de quem não necessita de convite,
pois a casa sempre foi sua.
Logo depois, o sabiá-laranjeira,
com seu peito de terra molhada e canto de tarde,
tomou lugar no mamão vizinho.
A cena, cortada contra a luz dourada do sol,
não era um quadro congelado: era uma constatação.
Compreendi, num estalo que ecoou no peito:
nem tudo nesta Terra foi feito para as nossas mãos.
O mundo não é um balcão de consumo;
é uma mesa posta para muitas vozes,
muitos bicos, muitas formas de existir.
Decidi ali mesmo, sob aquela luz:

vou semear mamoeiros no meu quintal.
E não quero que fiquem curtos para o meu alcance.
Quero que cresçam o máximo que puderem,
que desafiem a gravidade,
que subam até onde a minha posse não consiga tocar.
Porque quanto mais alto o fruto,
mais livre é o banquete.
E talvez seja isso, no fim das contas,
o que nos torna um pouco mais humanos:
aprender a plantar aquilo
que não fomos feitos para colher.

E-mail: edsonbriato@gmail.com

Instagram: [esperaspoeiticas](https://www.instagram.com/esperaspoeiticas)

Sobre o autor: Edson Luiz da Silva Briato é natural de Campo Bom (RS). Licenciado em História, tecnólogo em Marketing e pesquisador, possui especialização em Educação pela Pesquisa. Escritor e entusiasta do fazer literário, encontra na obra da polonesa Wisława Szymborska sua principal fonte de interlocução e inspiração poética.

Foto:



Feliz aniversário, Hashita!

Com os cães a gente aprende
Só quem os ama compreende,
Para mim, ela é minha filha também,
E eu não ligo para o olhar de desdém.

Ela chegou pequena,
Fez a minha vida mais serena.
É a bulldog mais linda do mundo,
Nós temos um vínculo profundo.

São 12 anos da sua chegada
Minha carinha fofa e mascarada!
A irmã protetora dos meus meninos,
Agradeço tanto pelos afetos genuínos.

Sociável, amiga da criançada,
Da nossa vida, fez morada,
Parceira das brincadeiras,
A mais fiel companheira.

Família é quem completa a gente
É o amor puro que se sente.
Por isso, eu considero tanto a Hashita,
Sua presença é felicidade que habita.

Iteuane Casagrande, capixaba, vivendo em Berlim. Formada em pedagogia, participante de antologias com poemas e contos, microcontos e crônicas.

Apaixonada pelo mundo das palavras, escreve desde a adolescência. Sua inspiração provém das pessoas com quem convive, dos momentos de saudade, das histórias que lê ou vive e de tudo aquilo que toca seu coração.

Instagram: @entrepalavraserimas.iteuane

Sobre o poema: Foi escrito por encomenda da tutora, “mamãe” da Hashita, a doguinha linda que completou 12 anos no mês de julho.

Segue uma fotografia das duas.

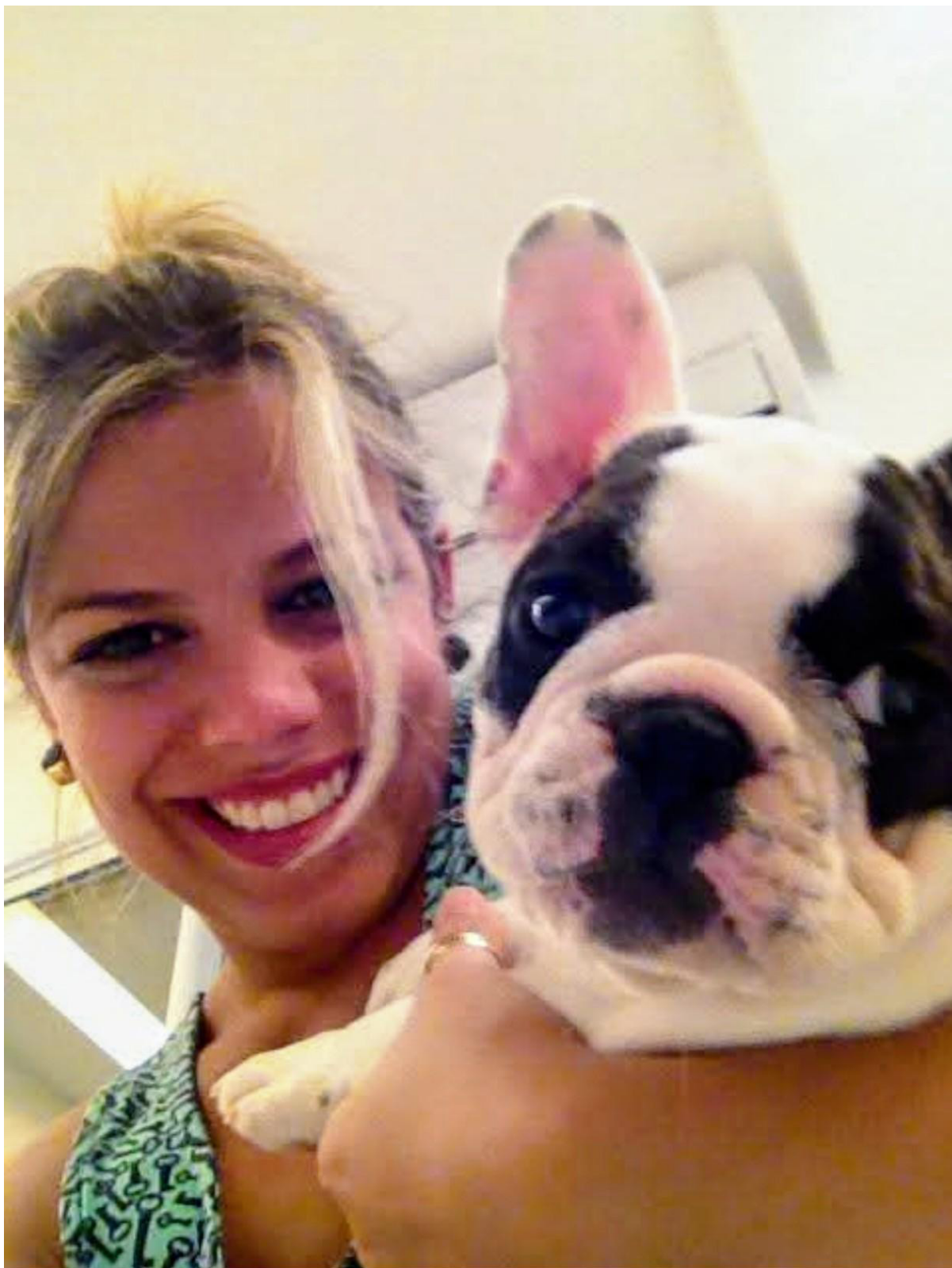


Foto da autora e de sua gata, Kiara.



Gato, Gatinho, Gatão

Gato, gatinho gatão

Era seu nome,

Era um bichano, peludo

E felpudo,

Um bichano charmoso e delicado,

Daqueles bem elegantes

E arrumados

Parecia vestir um terno

E gravata

Possuía um lustroso e

Brilhante pelo

Bem tratado

Era um gato aristocrático

Com trato e bem-educado

Sabia toda a ética

Desfilava por aí

Mostrando seu charme

E seu pelo suave

Gato, gatinho gatão

O gato

Gatinho bem prumado,

Seu olhar de danado

Apronta muita confusão
Mas o gatinho não tem culpa
Nasceu para ser traquina
E bagunçar toda a casa
É sua missão.

A gata

A gatinha se espreguiça no sofá de casa
Que preguiça! Mia a gatinha.
Toda esparramada nos lençóis
Fazendo um abrigo
De travesseiros
Para dormir o dia inteiro.

Maikon S. Oliveira (Mikail) - Graduando em Letras, Língua Portuguesa e suas Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) pesquisador nas áreas de Literaturas afro-latinas e afro-brasileira, alguém que nunca deixou de acreditar que era possível conquistar tudo o que sonhamos através da educação e da arte. Insta: @Mikail.soliveira

O LAR E O PAI

Ser pai é uma grande bênção de Deus,
é a continuidade da família.

Todos os filhos desejam estar sempre
com seu pai em casa.

Seu trajar do calção ou bermuda e camisa
mostra aos seus filhos que você está disponível
para ficar em casa com eles,
pois o traje de trabalho já foi lavado.

O calção de um pai é o registro
de que ele vai ficar disponível
para brincadeiras, lazer e passeios
com seus filhos e filhas.

A figura paterna é exemplo de amor,
segurança, proteção e zelo pela família.

Quem dera se cada filho e filha
guardassem os bons exemplos do seu pai.

Seus filhos só pedem acolhimento no lar.

Não é só de riqueza que se faz um pai!

Ser pai é estar presente na educação
e não transferir sua função a outros.

Deixe sua essência, seu cheiro na roupa,
onde seus filhos possam abraçar e dizer:

— “*É a roupa do meu pai!*”

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

DA COR DO OURO

Dourados são meus pelos
Pequeno sou no tamanho
Gigante entre os irmãos
Felino em busca de frutos.

A Mata Atlântica é meu habitat
Repertório de vocalizações é variado
Papai ajuda a mamãe com os filhotes
Mas todos correm perigo de extinção.

Gosto das primeiras horas da manhã
O sol me energiza e faço a catação
Tenho medo dos predadores noturnos
E do desmatamento feito pelos homens.

Geralmente nascemos gêmeos
Entre os meses de agosto e fevereiro.
Sou carismático, misto de gato e leão,
Sendo visado pelo tráfico de animais silvestres.

Quem eu sou?
Sou o mico-leão-dourado
Por causa da cor da minha juba
Sou um animal encantado.

Rita Queiroz

Alguns meses sem Thorzinho

Nestes últimos meses
Emprestei à vida
Coragem
A vida me deu
Esperança
A saudade do meu Thorzinho
Dói mais do que tudo
Busco o seu riscar o chão
Depois do cocôzinho
Acho somente a sua caminha vazia
Quem sabe Thorzinho brilhe
Numa estrela cadente
Em céus de Ícaro
Eu sua tutora que só chora
À espera de um sonho
À espera de qualquer coisa
Para não viver somente
Saudades...

Rosângela Trajano



BIOGRAFIA DO ILUSTRADOR

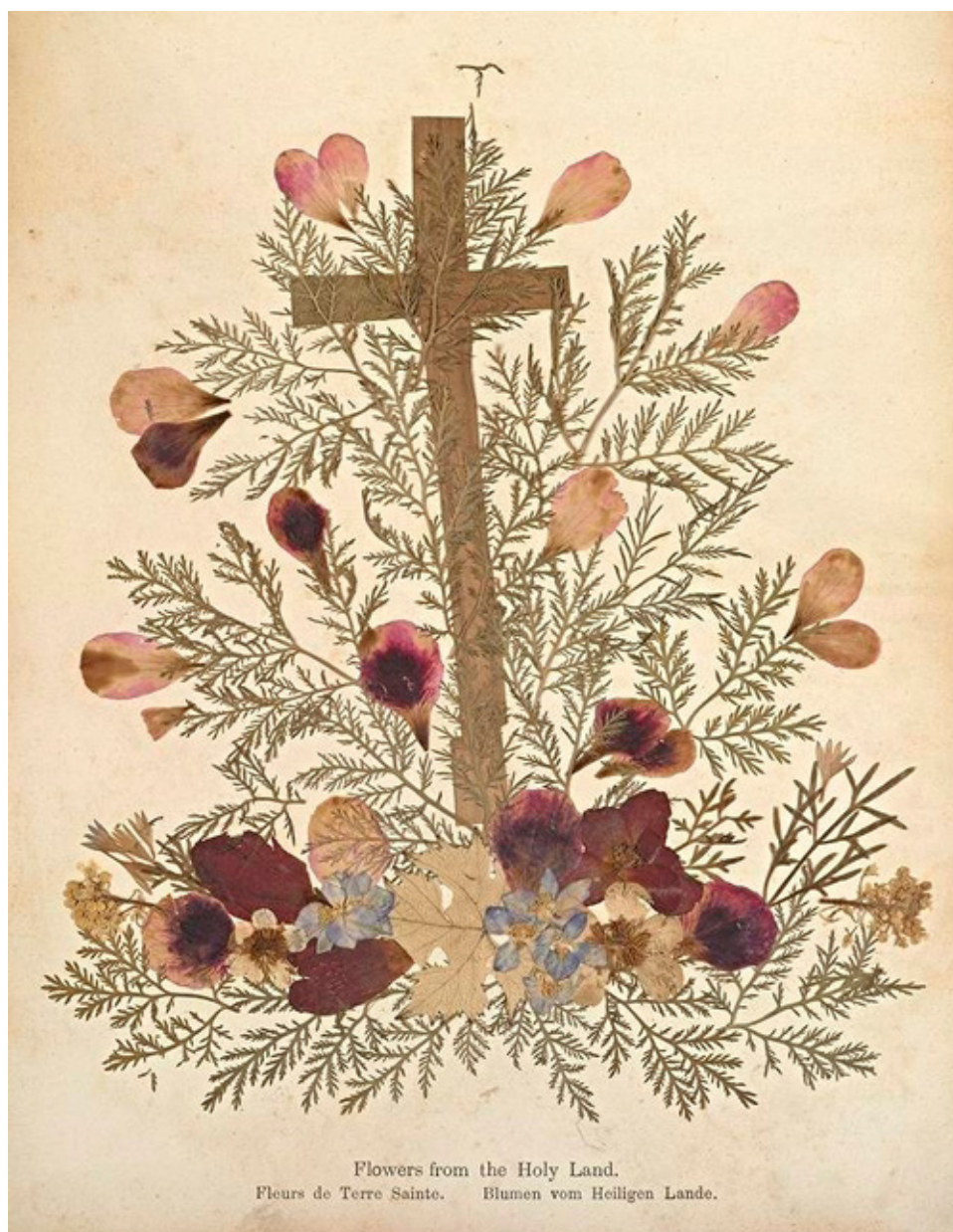
Boulos Meo

Data

1890s

Tema

Flowers and Pictures of the Holy Land



Expediente

Expediente

Revista Barbante
Vol. I - Nº 07 - 02 de agosto de 2026

ISSN 3086-3961

Periodicidade: Mensal

Editora-chefe

Rosângela Trajano da Silva

Editora-adjunta

Janiara de Lima Medeiros

Revisão

Dos autores

Conselho editorial

Maria Reilta Dantas Cirino

Shirlene Santos Mafra Medeiros

Maria Emilia Monteiro Porto

Webmaster/Webdesigner

Danda Trajano

Ilustrações

Boulos Meo

Autor corporativo

Rosângela Trajano

Natal – Rio Grande do Norte

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

